

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 9 DE ABRIL DE 1897
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 419

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente A.....	A. REOACÇÃO.
«A Semana».....	J. DO EGYPTO.
Historia dos setedias e.....	PHROO-APOLLO.
Cartas do Olympo—VII.....	E. DE QUEIROZ.
Prefacio dos «Azulejos».....	
Na morte de uma grunça	F. O'ALMEIDA.
poesia.....	PACHECO JUNIOR.
Moniz Barreto.....	
Fantasia crepuscular, so-	M. AMALIA.
neto.....	J. RIBEIRO.
Notas philologicas.....	O. OLIVEIRA.
A uma viajante, poesia.....	BIDIANO.
Cofre das graças.....	S.
Jornas e revistas.....	J. DE LEMOS.
Versos d'amor, soneto.....	
As notas philologicas do	PACHECO JUNIOR.
Sr. João Ribeiro e as	J. M. SILVA.
minhas rubricas.....	V.
Adeus, soneto.....	P. TALMA.
Notas bibliographicas.....	GUIL. MAR.
Thestros.....	LONGNON.
Aos do «Gremio», soneto.....	
Festas, bailes e concertos	FR. ANTONIO.
Factos e Noticias.....	
Trates á bols.....	
Correio de Gerencia.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE	
Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Prevenimos os nossos assignautes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

Partio já para Santos, e d'ahi a percorrer a provincia de S. Paulo, o Sr. Francisco Fonseca, nosso agente nomeado para a referida provincia, encarregado de cobrar e fazer assignaturas.

Aos nossos correspondentes e amigos em S. Paulo rogamos a fineza de prestarem áquelle nosso agente o auxilio e informações de que elle

careça para o bom exito da sua commissão pelo que nos confessamos, desde já, sumamente gratos.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindegues, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.
— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notáveis publicistas francezes.
— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.
A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindegues, á escolha:
— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.
— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

A SEMANA

Narciza Amalia, a inolvidavel poetisa das «Nebulosas» dirigio a Alberto de Oliveira o bellissimo soneto que hoje esplende nas columnas da nossa folha. Escusado é recomendar aos leitores o nome da distincta escriptora e o valioso mimo com que fomos hourados.

Para o livro de contos de Bernardo Piuheiro, Pindella—intitulado *Azulejos*—escreveu Eça de Queiroz um prefacio extenso e meditado, que é um documento litterario de altissimo valor, quer pelo fundo,—que é constituído por grandes verdades, conceitos sensatissimos, solida erudição e finissimo espirito de observação e de critica—quer pela forma, que é primorosa, admiravel de elegancia, de graça e de simplicidade. Tão notavel nos pareceu esse prefacio, que resolvemos transcrevelo integralmente; o que começamos hoje a fazer.

Chamamos para esse bellissimo trabalho a attenção dos leitores.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

Cumprio a semana o seu dever sendo magra.

Irreligiosa seria ella se docorresse chôrumenta de factes, adiposa de assumptos.

Jejnou como tu, leitor, e como eu tambem.

Semana triste, apenas grata aos escravagistas, pois foi obrigada a bacadhar.

De quem me condão nestes dias da quaresma, não é de vocês, devotos; é dos padres. Coitadinhos! Como elles soffrem! Que torturas, que sacrificios... — E que peixadas!

Ah! leitor maligno, recolhe ao bolso das calças, bem no fundo, o pérfido aspide da tua maledicencia. Lembra-te de que ha momentos apenas que sabiste lavadinho e limpo da barrella dos teus muitos peccados, e que ainda tens nas faces um resto da vermelhidão produzida pelas expiatorias bofetadas que bontem te ministraste rudemente, abraçado no sancto ardor de te purges da mancha do peccado original, que Christo, para nos salvar, veio remir ao mundo com o seu divino sangue. Não recomces, pois, a encher o sacco das tuas culpas, mal esvasiado ainda, por uma das mais graves — a calumnia, embora coberta por um gracejo — como uma pilula de sulphato de quiniao embrulhada em assucar.

Engole, portanto, aquella peizada e faz justiça inteira aos reverendissimos.

Elles soffrem muito em toda a quaresma e sobretudo — de quarta-feira de cinzas até hoje, sabbado de alleluia, ao meio dia.

Basta que te lembres da estupenda porção de iatim que elles são forçados a engrolar, em soturno cantochão, mergulhados na meia noute das igrejas forradas de crêpe, ao luar saugrento e pestanejante dos tocheiros symbolicos, com os ouvidos azoados pelo estrepitar sinistro das matracas, com as ventas cheias dos mysticos aromas da myrra, da cera e do mofo ecclesiastico...

Mas esse soffrimento tambem eu, christão zeloso, o experimentei; objectará o leitor.

Pois, sim, leitor; mas tu soffreste aquillo por devoção sómente; e elles, os pobres tonsurados, soffreram-o, por devoção alguns, mas a maior parte por obrigação.

Lembra-te mais das mordeduras causticas do cilicio e das disciplinas e, principalmente, das agruras atrozes do jejum. Lembra-te de que aquelles veneraveis abdomens, criados no cultivo da vinha do Senhor, foram por alguns dias forçados a alimentar-se unicamente de garopas, badejose e badejetes,

corvinas, cbernes, lagostas e camarões! Pobros martyres!

Alleluia! Alleluia! bisbalham todos os sinos despertado, emfim, do seu longo somno de bronze; *Alleluia!* titiuta o canta o carrilhão de Nossa Senhora da Lapa das Mercadores, repinicando o *Ataca, Felipe; Alleluia!* entõam alegre e victoriosamente as rúcas dos padres, enquanto os véus roxos de todos os templos se rasgam, de alto a baixo, theatralmente, descobrindo as imagens dos sanctos, os quaes, á claridade viva do sol, depois de duas semanas de escuridade, piscam os olhos offuscados, adormidos ainda, e com um sorriso, parecizerem á gente: Bons dias! Muito bons dias, meus filhos!

Alleluia! resoam os cacetes dos moleques malhando vindicativa e justiça-doramente nos ventres, entulhados de palha e trapos, dos miseros judas; enquanto os judas de carne e osso, os que pregaram Christo na cruz, passam nê-dios, tranquilos, levando sob a lapella dos paletots a cruz de Christo, como observou, num epigramma famoso, famoso poeta.

Alleluia! bradam todos, mandando festivamente ao diabo o luto e o peixe, e guardando cuidadosamente, na calxinha dos botões, para servir na quaresma do anno vindouro, os prantos e os soluços com que fizeram figura uesta.

O meu amigo Raul Pompeia costuma chamar a quaresma — *carnaval de lagrymas*. Para justificar essa feliz deduição surge hoje sporadicamente a mascarada; reabrem-se os salões para os bailes *masqués e travestis*.

Momo, na quarta-feira de cinzas, mergulha sob o oceano do Tempo, desapparecendo durante a quaresma, e resurge á tona, hilariante e louco, no dia de hoje, sabbado de alleluia. O carnaval das lagrymas não é, pois, outra cousa mais do que um prolongamento das lagrymas do carnaval.

No fuudo — tudo carnaval, tudo lagrymas... O homem...

Ai! que lá ia eu cabindo na philosophia facil dos Heraclitos desoccupados! Nada de lamurias!

Alleluia! Alleluia!

Como para afinar com a tristeza da semana, foram tristes quasi todos os acontecimentos d'ella.

A narração minuciosa e longa do naufragio do vapor *Bahia* commoven e interessou profundamente a todos que a leram.

Encontram-se nella episodios cariosos, interessantissimos.

Entre esses o de se terem salvado os tres cegos que vinham a bordo uma senhora e dois homens a confiança com que aquella se entregou

à sua protectora, N. S. de Londres, o a coragem, inspirada por essa continuação, com que procurou e conseguiu salvar-se.

Outro episodio enternecedor — o d'aquella pequena crincha de 9 annos do ednde que, nadando como um peixe, procurou nas ondas, entre os destroços do naufragio, seus paes e irmãos, e conseguiu salvar uma irmãsinha de 6 annos, tambem nadadora, e um estudante. Bem certo é que ninguém se revela heróe senão quando é preciso.

A imminencia da morte, a urgencia de salvação, a coacção do perigo podem fazer grandes heróes de homons anteriormente considerados uns purgas, nns medrosos.

É o caso d'aquelle corneta da *Toulin-negrn do Templo*, de quem o capitão diz a engraçada e profunda verdade — que é o poltrão mais valente que elle tem conhecido.

Quando não ha outro remedio um homem é tudo—heróe inclusive.

Infelizmente não resta duvida mais sobre o numero das victimas e que entre ellas estão o commandante, Isa ac, o immediato, Silverio da Silva, do fatidico *Bahio*, bem como está a toda a luz a responsabilidade do commandante do *Pirapama*. Se elle houvesse sido menos monstruosamente deshumano, talvez ficasse o numero das victimas reduzido apenas a um terço, ou menos. Esse enorme delicto ou essa calamitosa impericia não pode ficar sem correctivo. Sobre a cabeça d'aquelle homem chovem as maldicções da viuvez e da orphandade, de quantos perderam—graças a não ter elle sabido cumprir o seu dever—parentes e amigos naquella horrenda catastrophe.

O estado de saúde do Imperador tem preocupado muito a attenção publica e despertado serias apprehensões. Officialmente consta que S. M. passa regularmente, que os seus incommodos são devidos apenas á febre palustre que o affectou. Mas á bocca pequena—agora já á bocca grande—diz-se que S. M. está gravemente enfermo, que a sua *diabetes* aggravou-se, tem-se accentuado assustadoramente o quebramento de forças, o desanimo, a debilidadade, o esgotamento do seu organismo; e tanto que já foi chamado ao Imperio a augusta princeza, que, com seu esposo, ainda não ha muito chegou á França.

Tm visos de verdade estes boatos. É natural que S. M.,—que, apesar de sua divina origem, é homem, como qualquer de seus subditos—sinta, por fim, cansaço, fraqueza, e pague o seu tributo á idade. Não se fazom impunemente os excessos de trabalho, os prodigios de actividade que o Imperador tam feito; a lei das reacções physiologicas não podia falhar em S. M. Havia, forçosamente, um dia de pagar, e por juncto, o seu contingente de barro fragil á sua condição de humano. Ha muitos annos que S. M. faz das fraquezas—forças, da velhice—mocidade, da fadiga—alentos. Por fim—era natural—a contensão cedeu, o *tour de force* foi acabando.

Que S. M. se convença de que necessita de restaurar pelo repouso, pela ponpança de forças as que malbaratou prodigamente no seu inviolabilissimo afan de tudo ver, tudo ler, tudo examinar, tudo saber, tudo explicar.

Fazemos sinceros votos cordiaes pelo

completo restabelecimento da preciosa saúde de S. M. o Imperador.

O mais que houve a historiar nos sete dias foi:— as façanhas de um subdelegado feroz, atacado da mania do mando e do desmando; o fallecimento, realmente lamentavel, do Dr. Falcão Filho, illustrado lente da Academia de S. Paulo; a verificação de que a nova matricula, encerrada a 30 do mez passado, demonstrou que a população escravã do municipio neutro está reduzida á metade, graças, principalmente, á generosidade particular, facto em que não se pôde desconhecer o benefico influxo da propaganda abolicionista; a chegada de um príncipe austriaco de nome arrevessado e... e mais não bouve. O resto foi insignificante miuçalha de pequenos factos.

A' vista do que, o chronista pede licença para por-se ao fresco, desejando aos pacientes e sempre pios leitores excellentes festas, que o anno *libes* corra d'hoje avante prospero e amigo, sempre com cara de Paschoa, e que continuem a honrar *A Semana* com as suas sympathias e... assignaturas.

Não lhes esqueça nunca que esta folba, não só é a mais litteraria do Amazonas á lagoa dos Patos, como que é a mais interessante, imparcial, elegante e bem escripta do mundo.

Por hoje apenas direi isto, com a modestia que todos fazem a justiça de acreditar que existe a rodo nesta casa.

E, com esta, sou um criado de Suas Senhorias.

JOSE DO EGYPTO.

CARTAS DO OLYMPO

VII

Depois de tão grandes ferias, Eis-me de novo cantando. Tractemos de cousas serias, De sanctas cousas tratando. Começemos: *Carta Setima*...

Antes é justo, no emtanto, Murmurar devota prece: Fallo da egreja; portanto, E' de razão que eu comece Pedindo a benção do *Apostolo*.

Diz o leitor, desdenhoso: — Apollo a rezar?... Que é isto?... Mas sou um deus cauteloso: Christão quando falo a Christo, Pagão quando falo a Jupiter.

Vamos. Tristissimos dias Que passastes, meus amigos! Longe carnes e alegrias E tentadores perigos... Que dias tristes e lugubres!

(Bonito: A victoria é certa: Mestre Castilho desbanco. Que pensas da descoberta? — Uma quadra e um verso branco, Branco, branquissimo e... esdruxulo.

Isto exprime certamente A tristeza de universo: O esdruxulo justamente. Transborda do quarto verso Como uma lagryma funebre.)

Dias tristes! Sinos roucos, Misas, lugubres officios, E, como se fossem poucos Esses muitos sacrificios, As amendoas para cumulo!

Luto e peixe... Fóra, fora A carne de toda moza! Modo estranho é este agora De demonstrar a tristiza Comendo ceias opiparas.

Chega a ser prohibido... (Como hei de dizer?)... o beijo! Vejam isto: está perdido Quem não lingir que tem pejo... Quem não tiver, seja hypocrita.

Oh! quem os beijos trocados A's occultas, face a face, E os rôshifes devorados Nesta semana contasse! Falassem faces e esto uagost...

É tudo porque em verdade Um deus teve a phantasia De deixar a eternidade, Morrendo... só por um dia, Pera espantar os catholicos!

E morreu tragicamente, Sem volver o olhar piedoso A' quella que humildemente, Solto o cabello formoso, Lhe banhava os pés de lagrymas.

Triste morte! aquião menos Quem morre; morre captivo Nos braços quentes de Venus, E resuscita mais vivo, Que o amor dá vida aos cadaveres.

Emfim, passou a semana... Volta a carne, vae-se o peixe. E, n'adja comedia humana, É justo que cada um deixe Cabir das faces a mascara.

Agora é o judas que passa Aos tambohões repetidos, Aos risos da população... Pegam-lhe fogo aos vestidos, Tiram-lhe as pernas, enforcam-n'o.

Oh! se os Judas existentes Fossem todos enforcados, Ai! coitados dos parentes! Ai! dos amigos! coitados! E h'a noite. Até sabbado.

HEBO-APOLLO.

PREFACIO DOS « AZULEJOS »

MEU CARO BERNARDO—Nos tempos em que Voltaire, já depois de *Candide*, mesmo já depois da *Pucelle*, se contentava com cem leitores — tempos que nos devem parecer bem incultos, neste anno da Graça e de voraz leitura em que o *Petit Journal* tira oitocentos mil numeros, e *Cerminal* é traduzido em sete linguas para que o bemdigam sete povos — esses cem homens que liam e que satisfaziam Voltaire eram tratados pelos escriptores com um ceremonial e uma adulação, que se usavam somente para com os Principes de Sangue e as Favoritas. Em verdade o Leitor d'então, « o amigo Leitor », pertencia eempre aos altos corpos do Estado: o alphabeto ainda se não tinha democratizado: quasi apenas sabiam ler as Academias, alguns da Nobreza, os Parlamntos, e Frederico, rei da Prussia: e naturalmente o homem de letras, mesmo quando não fosse um poeta parasita do melancolico typo de Nicolau Tolentino, ao entrar em relações com esse Leitor de grandes maneiras, emplumado, vestido talvez darminho, empregava, todas as formas e todas as graças do respeito, e punba sempre, genuinos on fingidos, os punbos de renda de Mr. de Buffon.

Mas esta cortezia em que havia omção provinha sobretudo de que o Escripitor, ha cem annos, dirigia-se particularmente a uma pessoa de saber e de gosto, amiga da Eloquencia e da Tragedia, que occupava os seus ocios luxuosos: a lér, e que se chamava « o Leitor »: e hoje dirige-se esparsamente a uma multidão azafainda e tosca que so chama « o Publico ».

Esta expressão, « a Loitura », ha cem annos, suggeria logo a imagem d'uma livraria silenciosa, com bustos de Plató e de Seneca, uma ampla poltrona almofadada, uma janella aberta sobre os aromas d'um jardim: e neste retiro austero de paz estudiosa, um homem fino, erudito, saboreando linha a linha o seu livro, num recolhimento quasi amoroso. A idéia de loitura, hoje, lembra apenas uma turba folheando paginas á pressa, no rumor d'uma praça.

Ora quando este Leitor, douto, agudo, amavel, bem empoado, intimo das edades classicas, recebia o Escripitor na sua solidão letrada—o Escripitor necessitava apresentar-se com reverencia, e modestement *courbé*, como recommenda Beaumarchais. É um homem culto que vae a casa de outro homem culto—e esse encontro está regulado por uma etiqueta tradicional e graciosa.

Nem o philospho que vem submetter um systema, nem o poeta laureado no « Mercurio Galante » que traz a sua óde, nem Chénier com as suas tragedias, nem Massillon com os seus sermões, nem os rigidos, nem es ligeiros, nenhum por mais illustro irrompia bruscamente na attenção do Leitor, sem espera e sem mesura, como se entra num pateo publico. Tinha de haver uma apresentação condigna, solemne, copiosa; e isso passava-se nesse pedação de prosa em typo largo, com citações latinas, que se chamava o *Prefacio*. Ahi o auctor modestement *courbé*, deante do Leitor acolher e risinho, falava com prolixidade de si, das suas intenções, da sua obra, da sua saúde; dizia-lhe doçuras, chamava-lhe *plio*, *perspicax*, *benevolo*: justificava os seus methodos, citava as suas autoridades: se era novo, mostrava, córando, a sua inexperiencia em botão: se era velho, despedia-se do Leitor á maneira de Boileau, numa pompa triste, como da borda d'um tumulo. Trocadas estas cortezias não se entrava logo seccamente nas idéias ou nos factos: se o livro era de versos, o Poeta, tendo o Leitor ao seu lado, balançava o incensador e fazia uma invocação aos Deuses como nos degraus de um sanctuario; se era Tratado de Moral ou Historia, havia no limiar do capitulo I, para que o Escripitor e o Leitor repousassem, um portico de Considerações Geraes, dispostas com symetria á maneira de columnas de puro marmore, onde se enrolavam, em festões, flores de linguagem, vigosas ou meio-murchas. Depois o Auctor ia levando o Leitor pela mão atravez da sua obra como atravez de um jardim que se mostra, repercorrendo com gosto as aleas mais enfeitadas de erudição, parando por vezes a conversar docemente á sombra de um pensamento frondoso. Assim se formava entre ambos uma enternecida intimidade espirital. O Leitor possuia no homem de letras um companheiro de solidão, de um encanto sempre renovado. O Auctor encontrava no Leitor uma attenção demorada, fiel, crente: como o Philospho tinha nelle um discipulo, como Poeta nm confidente.

Depois, numa manhã de Julbo, to-

mon-se a Bastilha. Tudo se revolve: o nil novidades violentas surgiram, alterando a configuração moral da Terra. Veio a Democracia: fez-se a illuminação a gaz: nasceu a instrução gratuita e obrigatória; installaram-se as machinas Marinoni que imprimem com mil jornas por hora: vieram os Clubs, o Romantismo, a Política, a Liberdade e a Phototypia. Tudo se começou a fazer por meio de vapor e de rodas dentadae—e para as grandes masens. Essa cousa tão maravilhosa, do um mechanismo tão delicado, chamada o individuo, desapparecen; e começaram a mover-se as multidões, governadae por um instincto, por um interesse ou por um enthusiasmo. Foi então que se auniu o Leitor, o antigo Leitor, disciplinado e confiante, sentado longe dos ruidos incultos sob o claro husto de Minerva, o Leitor amigo, com quem se conversava deliciosamente em longo, loquazee Proemios: e em lugar delle o homem do lettras vio deante de si a turba que se chama o Publico, que ló alto e á pressa no rumor das ruas.

As maneiras do Escripitor para com estes com mil cidadões que estendiam tu multoocamente a mão para o livro—não podiam ser selectas e polidas, como as que tinha para com o Leitor classico quo lhe abria, aorrindo e já attento, a porta da sua intimidade erudita. Para deecer á praça do Publico não eram necessarios os punhos de renda do Mr. de Buffon, como penetrar na livraria do Leitor amigo—onde o Escripitor ia encontrar Cicero e Aristotelea vestidos do marroquin o ouro.

Immediatamente deixou de haver essa amavel e conservadora apresentação que se chamava o Proemio: nunca mais o homem de lettras desfiou no Leitor os seus motivos para discorrer ou cantar, pedindo-lhe com humildade um lugar na estante. Agora, finda a obra, o Escripitor, ainda suado e com o jaquotão do trabalho, atrai-a para a rua brutalmente. A obra já não é a sabia composição, feita pelos dictames das Artes Poeticas, para ser agasalhada e encadernada por Mecenas. Ideia ou Imagem deve ser cousa viva—e como tal se arrenessa ao moinho da Vida, para ir rolar com ella, sob o plomo sol.

Assim se toraou inutil a caricia aduladora com que no antigo Regimen se attrahia, se prendia o Leitor. Já não ao conversa intimamente com elle, caminhando ao seu lado, atravez de paginas galantes ou solemnes. O historiador, o romancista, que hoje interrompesse o correr das suas deducções, para, dar um geito aos punhos de ruelas e dizer: «Nota tu, leitor amigo...», seria considerado um intoleavel caturra das edades caducas. O Leitor deixou de ser uma pessoa a quem se falla isoladamente e com o tricornio na mão: e o Escripitor tornou-se tão impessoal como elle. Não são individualidades cultas commuicando; são duas substancias diffusas que se penetram, como a luz quando atravessa o ar.

Todavia ainda hoje ha Escriptores que, seduzidos pela graça nohre das maneiras classicas, quando procuram o Publico com um livro amorosamente trabalhado, querem pôr nesse encontro as fórmulas apparatusas da etiqueta d'outr'ora. São aquelles sobretudo, que, escrevendo delicadamente e para delicados, contam apenas, com o Leitor dos velhos tempos—que já não usa decerto espadim, nem cita finamente

Horacio, sacudindo o rapé dos bofes de ren-las, mas possuio todas as flauras novas do novo goato, o agasalha e encaderna os Estylistas, os Parnasianos, os Feminhuos, os Coppée, os Dau-let, os Verlaine, com o carinho religioso com que os Mecenas da epocha de Boileau encadernavam e reliam Tacito e Catullo.

Tu és d'essos: a grossa turba nesusta-te um pouco, com a tua desatensão ruidosa: e confias sobretudo nesse Leitor perfeito, amator raro das lindas flores modernas de Phantasia e d'Estylo. Maa sahea como elle ama as praxes graciosas que enobreciam a vida antes da tomada da Bastilha: o nem por um lugar no Ceu, entre Santo Hilario e Santo Hilarião, tu o queeriaa offender, irrompendo bruscamente e democraticamente na sua attenção preciosa. Por isso desejas levar ao teu lado alguém, já mais familiar com elle, que lhe diga, seguindo as boas tradições dos aadensos Proemios, *moderement courbé*—«Leitor pio, benevolente e amigo, aqui te apresento...» E aou eu que tu escolhes para esta genti cerimonia, perfumada d'archaismo, entre os teus amigos «simples fazedores de livros», como dizia ultimamente o velho Carlyle.

Eu aqui estou, amigo. Mas receio que te succeda como áquelle Cavalleiro de Ballada, de quem eu li a historia n'um velho ia-folio hespanhol, onde ella apparecia, conceituosa e florida, para illustrar os *peigos de las malas companias*. Este moço, heroico e candido, resolvera por um d'esses motivos de creença, de guerra ou d'amor, que eram os unicos que então dirigiam as acções humaas, ir offerter a sua graude espada a uma Nossa Senhora, cuja clarn emdinha, num pendor de serra, entre murmuroso arvorelo, era como uma foate espirital d'onde perennemente corriam os miserieordiosos milagres.

Tinha esto poetico moço um amigo, que, nesses ardentos tempos do Saata Thereza, de S. João da Cruz e de la *Caballeria a lo divino*, era secretamente soha sua cota de malin, um atheo—como se já lesse todas as noites no seu alcaçar, á luz radical do petroleo, o *Rappel* e o *Intransigent*! Como este ineredulo, ehapeado de ferro, conhecia bem os trilhos da montanha, quiz o devotissimo cavalleiro que elle o acompanhasse na sua hucolica romagem. E mal suspeitava o ingenuo heroe que, enquanto elle subia, com um alvorço piedoso, esses caminhos o pouco ingremes como os da Fé, o seu camarada ia ao lado lamentando amargamente que uma tão boa espada, de golpe tão forte, de tão bella linhagem, forjada em Toledo por mestre Francisco Roiz, nata d'espadsiros, ficasse d'ahi por deante a enferrujar-se aos pés d'uma Senhora—que era apeuas um tosco pedaço de madeira, com dous olhos de vidro, e um pouco de setim por cima bordado de lantejoulas... E sabes o que succeden? Que apenas o Cavalleiro, de joelhos, e murmurando a *Are Reyna de Gracia*, collocou junto á Imagem a lamina purissima—a imagem haixon severamente os olhos, e repelliu a espada cou o pé justiceiro e doce que ao mesmo tempo esmaga a Serpente e acaricia a Terra. A folha d'ago estreme de mestre Francisco Roiz fez-se em pedaços negros, da córd do tição, que é a córd do Demônio: e sobre a selva, cheia de gergeios e aromas, espelhou-se uma escuridão—como se a luz que a dou-rava se tivesse recolhido toda sob as

pestanas cerradas da Senhora offendi-la! Ai de mim, porque não escolheira o beato moço, para seu companheiro, algum padre intimo do ceu, ou um ecudeiro lealdoso e boai rosador do seu rosario? A Imagem era hespanhola, portanto impressionavel; e venlo o Cavalleiro e a sna espada escoltados por um sceptico, que orgulhosamente pensava que não haveria Santos se não honvessem Santeiros, logo inconsideradamente ae regulou pelo adagio que é d'Hespanha e d'outras terras—*Dime con quien irás te diré lo que pensarás!*

Esta historia, como todas aquellis em que apparecem santos e cavalleiros, encerra fecunda lição. E não receias tu, amigo, que, á similhaça d'aquelle Senhora hespanhola, os espiritos timidos, para quem escreveste tão acariciadoramente os teus *Azulejos*, baixem os olhos o regeitem o livro gracioso, no ver que o vem acompanhando por estes brejos da publicidade um Infel, um Renegado do Idealismo, um servente da Rude Veridade, um deases illegiveis, de gostos suinos, que fossam gulosamente no lixo social, que se chamam «Naturalistas» e que têm a alcuaha de «Realistas?» *Dime con quien irás, hijo mio, te diré lo que pensarás.* Não receias que te julguem tambem um «Realista»?

Não temes que o teu livro, flor de Litteratura, casta de aroma e de córd, seja tratado como um desses fructos podres que ama o Naturalismo? Fructos medonhos que têm depravado o paladar das multidões, a um ponto que só elles appetecem e só elles se vendem, e já ninguém vae feirar aos gigus onde vermelham os frescos morangos acabados de colher no morangal do Romantismo!

ÉÇA DE QUEIROZ.

(Continúa.)

NA MORTE DE UMA CRIANÇA

(AO DR. ANTONIO DE MACEDO)

Se eu tivesse morrido nessa idade,
Criança alegre que este mundo deixes,
Não sentires as agruras da saude,
E não lançara ao veolo amargas queixas.

Ha para nós no mundo, alma innocente,
Uma ventura só—é ser criação.
E tu foste criança unicamente...
Feliz de ti! Descança em paz, descença!

Veries, se pudesses ver agora,
Que sou sincero e não te estou mentindo:
Emquanto tua mãe soluça e chora,
Os teus irmãos pequenos folgam, rindo.

Feliz quem morre ás oito primaveras.
Feliz quem morre entre agonias mansas,
Antes das illusões e das chimeras,
Antes dos sonhos e das esperanças:

Que illusões e chimeras, mai despontam
Logo as desfaz o vento da desgraça;
Sonhos são nuvens que ao azul remontam,
Passa a esperança como tudo passa.

Tu não sentiste o amor acre e tyranno,
O ciúme voraz, doído e sangrenio;
Ave, não te ferio do odio humano
Toda a baiteza e todo o aviltamento.

Anjo, não enlodaste es azas de oiro
No sangue d'esta lucta fratricida,
E não te afadigaste como um moiro
Pera arrancar á terra o pão e a vida.

A vida para ti foi um sorriso;
Toda a passaste em canticos e festas.
Foi para ti o mundo um paraíso,
Nem topaste as serpentes nas florestas.

Oito annos de amor, e amor materno.
O mais sublime e saacto dos amores!
Tiveste sempre o olhar limpo e terno,
A existencia das aves e das flores:

Almedas não cortou á detestada
Hydra as cabeças todas—inda viça
Uma, horrivel, imaz, Traição chamada,
Um'outra ingratitude, outra injustiça.

E tu não conhecesto o monstro infante
Que no peito dos homens fez o unho...
Tu na Terra passaste alegre e voande,
Como vós no ar um pas-ariho.

Não soubeste que a dor da ausencia mata
Mais do que a Morte, e deixa-nos vivendo:
Que a desventura os sonhos arrebatá,
E cada bocca solta um grito horrendo!

Existencia fugaz e venturosa,
Foi teu primeiro o ultimo queixame;
Viveste pouco mais que vive a rosa,
Tiveste a curta vida do perfume.

Vida sem nodos, intemerata, pura,
Nem pudeste ser inelym ou robarde,
E nem fleaste á espera da ventura,
Que nunca chega, ou chega muito tarde.

Tu morres e não deixas sobre a Terra
Punhos cerrados, venhos contrahidos,
O coro do odio horrante que urra e berra,
Os gritos da vinzaça mal contidos.

Não praticaste o mal, e o mal agora
Deixa que vós limpo do seu lado,
Em direcção dos páramos da aurora,
De sue immensa luz banhado todo.

No campo sancto entre crianças llcas;
Entre anjos, anjo, ficasepultado.
E as adultas sombras impudicas
Respeitarão teu tumulo sagrado.

Por isso, com pezar mesto e profundo,
Digo—Feliz quem morre nessa idade;
Quem morre e unicamente d'ete mundo
Leva um adeus e deixa uma saude!

S. Paulo, 27 de Março de 1887.

FILINTO D'ALMEIDA.

MONIZ BARRETO

O REPENTISTA

Quando percorri as paginas d'esto
livro, escripto pelo tão correcto
lyrico dos *Vãos Icarios*, e primoroso
estylista do *Elogio historico do Visconde do Rio Branco*, senti o coração povoar-me de saudosas lembranças do passado, e o peito dilatar-se-me áe tonisações redemptoras de uma obra escripta por um athleta do estylo, com ecotimento nohre e critica scientifica.

E' que este livro transportou-me á época em que meu pai commosco, á noite, em redor da mesa, contava-nos epiaodios da vida de Moniz Barreto, o repentiasta, com quem privára, e a cujos arroubos da sua imaginação lavosa, assistira muitas vezes.

E' ainda que este livro representa o genuflectar de um filho á beira do sepulchro de seu pai; a devida ressurreição da memoria de um legitimo príncipe da lyra; a critica de melhor tempera, que não subordina o cerebro ao coração; um manancial de cousas aproveitaveis; um primor de estylo.

O genio pujante de Moniz Barreto não se limitou ao ecado lyrico em caçoulas de perfume, dedicado ás sehoras mais ou menos benemeritas de amor e de poesia; foi tambem a esperadora dos hrios patrioticos; igualou a de Voltaire na causticidade do epigramma; emparelhou no agetear com a de Bocage, rastejou a epopeia, grangeou a immortalidade no repentiasta.

Mas o poeta soberano, que por fillados annos imperára absoluto na Bahia e aqui na Corte, deixou-se gastar pela inercia que profunda se lhe radicara, quando —perdidas as illusões— abra-

çou a crença da fatalidade. Os tempos tornaram-se-lhe estagnados, o Moniz Barreto enfiou em extrema penúria; mas — coisa muito de notar — entre os mil labores da vida, rqueimando pelo aium da desdita, nunca a rija tompora de sua alma do poeta soberano consentiu que a desventura lhe quebrasse a lyra. So havia penúria de viores nunca se lhe manifestou o do engenho; so fallara ao dinheiro, nunca no espirito escasseara o adubo do sal nitrico das festas todas da nlogria.

É realmento palpitante de interesse esse volume de 400 paginas, cujo merecimento é realçado pelo estylo de Rozendo Moniz, que, pelo transcurso do estudo, e porta lembranças da historia patria, e offerece nos leitores noticias uteis e curiosas com que mnis dn enlevo á contextura.

Para mim, é este o principal merecimento da obra — o portuguez da gemma em que é escripto. Nunca a idéa se mostra mendiga da expressão que bem a espelhe; nunca se nota a impropriedade de vocabulo ou essa farragem de qualificativos que tornam o estylo fraldoso e somnolento; a phrase é sempre nitida e o seu tecido harmonioso, o periodo erguido e boleado.

Tudo enfim revela trabalho de quem sabe ler por classicos antigos, distinguir as farfalhas de ouro das piscas de alchymis, separar o trigo do joio, a semente do rolo.

O estudo sobre Moniz Barreto, o repentista, devia ser dado para estudo á mocidade, já pela linguagem estreme e modernissima, já pelo assumpto que tem — sobre outras — a vantagem de ser cumm saudade para os netos dos que ainda conhecem a patria.

PACHECO JUNIOR.

FANTASIA CREPUSCULAR

A ALBERTO DE OLIVEIRA

— Vesper, fulge-te o esplendido regaço,
Abençoa-te o nauta na procella,
Tens um sóto ideal no azul do espço...
E eu te lamento, — desgraçada estrella!

— Que sabes tu de Deus? — Das creaturas
Que sabes tu? — Que ligo s ti nos ligo?...
Impassíveis, as Horas, nas alturas
Lévam-te, levam-te, infeliz amiga!

Esta singela e pallida bonina,
— Esta bonina, que viveu um dia
Sobre a relva orvalhada da campina,

Viveu e amou!... E tu? — Lúclida e fria,
Vaes, — pará da sensação divina —,
Enquanto o Amor, do meu olhar, te espla!

NARCIZA AMALIA.

Março, 24 — 1887.

NOTAS PHILOLOGICAS

É cousa averiguada que o francez frequentemente conservou a accentuação dos infinitivos latinos em *ere*.

Em portuguez, porém, os infinitivos em *er* fornaram-se oxytonos por analogia, ou tomaram a desinencia *ir* da quarta conjugação.

Ha, não obstantes, nos futuros imperfeitos os vestigios innegaveis da accentuação latina, e é provavel que na idade média, antes do romance passar a ser lingua escripta, os infinitivos *dicere*, *trahere*, *querere*... tivessem produzido as formas *far*, *dir*, *trar*, *quer*...

É o que se infere dos futuros que, se sabido, são de formação recente:

far-ei
dir-ei
trar-ei
quer-rei (antigo)

Os velhos grammaticos explicavam essas formas attribuindo-as a corruptelas de *facere*, *dizeret*, *trazeret*, etc.

A explicação não passa de monstruoso dislate. Não ha documento an-

tigo onde se encontrem *fazerei*, *dizerei*, etc.

As fórmns *far*, *dir*, são identicas a *faire*, *dire*, dos francezes, com a verdadeira accentuação latina.

Ha um verbo *far*, na antiga lingua, a que Moraes dá o significo de *fallar*. Cuido que este *far* é o *facere* latino que significa *facere*. Eis o exemplo onde ocorre o vocabulo:

socorrer e loixsr *far*.

Canç. f. 58.

Não deixa de ter subida importancia para o estudo destes phenomenos o exemplo curioso de proparoxytonia no infinitivo substantivado *viveres*.

Não será um vestigio da accentuação originaria? É de crer que assim seja, porquanto os infinitivos substantivados em regra são graves: os *dizeres*, *afaxeres*, etc., etc.

O professor Pacheco Junior combate a explicação que proponho das amudadas aphereses de *o* e *a* e da letra *l*, no portuguez.

O illustre philologo não acha plausivel que o povo confundisse os elementos litteraes com os artigos, porque o povo não tem consciencia, nem se occupa de distincções grammaticaes.

A apherese explica-se pela *preguiça*.

Respondo:

De todos os compendios de *phonologia* sobre a lingua portugueza, consegui arrecadar 11 exemplos de apherese: *vespa*, *betarda*, *maca*, *maiorana*, *postema*, *botica*, *bodega*, *letria*, *popleria*, *bitacua*, *seneca*. Total: 11 exemplos de nomes femininos. (*)

Aphereses da letra *a* em nomes masculinos ha apenas 3: — *gomil*, *dulterio* e *guma*.

Note-se que destes tres o primeiro; tambem da forma *agomil*, é um composto cujo primeiro elemento (*ago*) é um nome feminino. Note-se ainda que o ultimo, *guma*, tanto pode vir de *acumen*, como de *cuma* e com maior probabilidade do especimen barbaro.

Assim, quando o professor P. Junior explicar a apherese do *a* pela lei da *preguiça*, pode illustrar a sua explicação com esta nota: *a preguiça é sobre tudo sympathica ás formas femininas*.

O merito glottologo é victima de uma illusão quando afirma a impossibilidade de confusão de preposições e artigos operada pelo povo, que desconhece as distincções grammaticaes.

Acho, pelo contrario, que é justamente pela ignorancia popular que se dão os erros que assignalo. Se o povo conhecesse as pequilhas de « grammaticão » certo, não imaginaria a existencia de um artigo onde nunca existiu artigo e apenas parte integrante da palavra.

É um engano suppor que o povo desconhece os factos scientificos por não ter a sciencia apurada dos doutos.

O povo confunde uua *cirrhose do fígado* com uma *hepatite*, e, cousa singular! sem saber grego, nem medicina. A rasão é que o povo confunde os factos, sem saber grammatica e até por não saber a com excessivo apuro.

Segundo aquella extranha theoria, o numero dos que tomam *gato* por *lebre* vae diminuir consideravelmente desde que se lhes exija sufficiente dose de zoologia para tomar o *felis domesticus* pelo *lepus timidus*.

Fique, pois, estabelecido que o povo pode confundir artigos e preposições, sem saber grammatica e até por não saber a com excessivo apuro.

Pacheco Junior não admittre que a apherese em *louca* e *leiva*, resultasse de confusão do elemento inicial com o artigo *lo*, *l*.

Offereço á consideração do illustre professor os seguintes factos.

A apherese de consoante é rara. O mais commum é a apherese de vogal onde *syllaba*.

Eis os dous unicos casos de apherese de consoante:

1.— Dificuldade prosodia. Nos grupos *ph*, *sp*, etc. houve apherese que facilitou a pronuncia: *salmo*, *salterio*, *tísica*, *psmo* etc. Tanto a enphonia foi necessaria que accidentalmente affirmou-se pela prosthesse: *escreeer*, *estylo*, *espasmo*, no hesp. *escena*, etc. Por analogia e confusão de *de* e *ex*, explicam-se as antigas formas *estlorar* e *desflorar*: *espedir* e *despedir*.

2.— Caso da apherese do *l*.

Deixo de lado o elemento arabe: *sucena*, *cetem*, *laide* etc.

Entre todos os elementos alphabeticos consonantes foi este o unico que sofreu a apherese, e mais é uma letra de pronuncia facil.

Pacheco Junior explica a apherese do *l* pela *preguiça*, sempre singular em suas preferencias. Explicou-a pelo confusão do elemento litteral com o artigo.

Já demonstrei que o povo, sem saber grammatica, pathologia ou botanica, confunde palavras, doenças e plantas; e que é uma illusão tomar a tecnologia abstracta pelos factos concretos.

No francez sempre se disse que o povo operou a prothese do *lem tierre* e a apherese em *anspedade*. Vem o professor Pacheco Junior e destróe toda a philologia franceza (que a minha nada vale) com o invencivel argumento de que o povo não cogita destes *pequilhas* de artigos e de preposição.

O tom anecdotico e fnecto da minha resposta não esconde intenção alguma contra o meu valente adversario.

Estar em desacordo com o eminente glottologo não deixa de ser occasião de magua e desslento. Mas eu não posso ajunctar-me com outros para ter conselho sobre os meus erros. Deve haver por ahi quem concorde comigo, mas não lhe mando typographar o nome.

Já não é pequeninha honra a de lutar com Pacheco Junior, incontestadamente uma das maiores autoridades em philologia portugueza.

JOÃO RIBEIRO.

A UMA VIAJANTE

II

Como é que te foste embora
Se o amor a mim te prendis?
Se em mim, que em ti via a aurora,
Vias a luz de tua Jia?

Noute em minha alma... profunda
Noute em tua alma, querida.
Os nossos peitos inunda
A mesma dor d'esta vida...

Em toda a tua existencia
Has-de ver que te consume
O pezo, a angustia, a inclemencia
D'esta saudade sem nome.

Ai! como a ventura passa!
Nuvem! delirio! loucura!
Morreremos da desgraça,
Tão grande foi a ventura!

Levou-te a aragem? levou-te
O raio? Não sei! não quero
Inquirir do horror da noute
O horror do meu desespero

Sei que te foste — e isso basta!
Sei que não fui... Sei sómente
Que a saudade nos arrasta
A' mesma dor inclemente,

E por teus dias desdobra
E por meus dias espalpa,
Tomando-os em sua dobra,
Uma pesada mortalha.

E' que morremos, morremos!
Sorrio... sorris... Que importa
O riso frio que temos
Se estou morto, se estás morta?

Ambos sepultos! que a sorte
Nos diz quando nos amamos:
— « Foi sempre susencia esta morte. —
Mortos! ausentes estamos!

Mortos! tão mortos que a cada
Palavra nossa parece
Ouvir-se o som de nma enxsa
E o murmurar de uma prece.

Mortos! o sol que se apaga!
Mortos! um'sima sózinha
E outra alma só! como a vaga
E n vags (in plaga mstrilha).

Tu de um lado, e eu de outro lado,
E entre nós dols o infinito!
E ouço teu grito maguado
A responder ao meu grito!

Março de 87. Engenho de Dentro.

OLAVO OLIVEIRA.

COFRE DAS GRAÇAS

Ultimas pilherias do Ney:
Acabando de dictar a um empregado do *Diario de Noticias* algumas informações para a secção *Hospedes e Viajantes* e quando este já enviava a lista para a typographia:

— Espera, espera! exclama. Accrescenta lá: Segue amanhã para o Calvario Nosso Senhor Jesus Christe.

A' porta do mesmo *Diario*:
— Querem vocês ver como eu levanto aqui cem mil reis num instante?
Vae para o meio da rua, e de chapéu estendido aos transuntes, exclama:
— Imposto da idiotagem!

Dois individuos combinavam uma entrevista para hoje:
— Cuidado! bradou elle E' a entrevista de Judas!

Um sugeito, indo matar uma barata com a bengala, quebrou-a.
— Ora, por causa de uma barata, perdi a minha rica bengala!
— E' para veres que ás vezes a barata sae cara.

BIBIANO.

JORNALS E REVISTAS

Encantadores os ns. 3 e 4 (do 4º anno) d'A *Illustração*, de Mariano Pina.

Não nos fatigaremos de recomendar esta publicação, tão boa como as melhores da Europa, so nosso indifferencissimo publico, que consta gostar muito de jornas com *bonecos*, mas que, no entanto, não corre presuroso a assignar uma revista d'este valor artistico e litterario, apezar de ser tão modico o seu preço.

Mariano Pina tem revelado inexcusable tino e finissimo gosto na escolha dos assumptos, das gravuras, dos colaboradores e dos processos artisticos. Tem além d'essas valiosas qualidades, um tino especial em aproveitar a a oportunidade, de modo que a sua revista vem sempre occupada com os acontecimentos sociaes, politicos, litterarios e artisticos da ultima hora.

Abre o n. 3 com um bello retrato do fallecido grande estadista portuguez Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, de cuja morte e enterramento apresenta desenhos do natural nas paginas centraes.

A pagina de Giacomelli, o grande deenhador de aves, *Fevereiro*, é deliciosa. E bonitos são os versos que para ella escreveu Jayme de Seguer. Estranhámos muito, no entanto, que tão elegantes e correcto escriptor houvesse commettido estes cochilos:

«Pra que no mundo, ermo gelsdo
«Se nelle não houvessem ninhos»
«Exista sempre algum de alado»
«E á falta de snjos, pas-rinhos»;

Alguem de alado já é duro de roer; mas o *houvessem*!

Quem diz «houvessem ninhos» deve dizer *houveram*, *hão*, *haverão* ninhos. Quando *que bonus*...

A grande novidade, o *dou* d'este numero é a pagina de desenhos originaes de S. A. Real o principe D. Carlos de Bragança. São tres — *Nim loque* (paizagem do Ribatejo), *Typo de ovarina* e *Fantasia*. Mariano Pina havia annua-

clado esses desenhos não como de um simples amador, mas sim de um artista-amador. E realmente. São notáveis, parecem de artista consuminado. S. Altezza desenha com simplicidade, largueza e véria. Suas figuras têm extrema naturalidade e muito raovimento. A paizagem ributejana é delliciosa. A manada de bois, perseguida por campuzos a cavallo, que occupa o lado esquerdo do leque, é traçada por mão de mestre; e toda a composição é muito feliz. O typo de ovarine e a fantasia (cabeça de mulher) têm estylo proprio, orgial. Um artista — o príncipio D. Carlos, um amador que honra seu avô, cognominado o rei-artista. Que Mariano Pina censiga outro muitos desenhos d'elle é o que a Illustração desejamos.

O Mequetrefe n. 431. Ah, colloga! d'esta vez V. escorreyou... Quer enbor como? Ouça-nos: Será crível que V. achasse um idealo fazer o retrato do infeliz commandante Isaac emergir das ondas! Além d'isso no seu toxo manda-nos vel-o na sua primeira pagina, quando elle está na ultima! Ora tudo isso é verdadeiramente um espiche o espiche temanho como o de der-nos V. na primeira paginn o retrato de um hotelero que, na opinião do collega, tem prestado innumerous serviços ao nosso palz Indigestões é o que V. queria naturalmente dizer.

O que nos vale são os engraçados dezenhos das Aventuras de um fazeideiro na Corte.

Quento ao texto, muito chistoso.

Está muito bom o n. 6 do Brazil Illustrado. Nas suas Palestras Historicas apparece o retrato de Americo Vesputio, acompanhado da continuação da Primeira exploração d' costa do Brazil. Das suas gravuras é digno de nota a da Serra dos Orgãos. Fecha este numero uma espirituosa historieta, ornada de engraçadas caricatures.

Da Behia chega-nos o 3º volume d'A Troça. Que troça, Santo Deus!... Se esta Troça, com o ferrão da sua verve e do sou espevitado humorismo, aão endreitar o que bouver de torto em politica, letras, costumes, artes etc, ne popularissima terra do vatapá, é porque o tempo não anda para troças.

Merece a Troça viver por longos annos.

Pois viva a Troça!

VERSOS D'AMOR (*)

Versos d'amor: Ninguém pôde entendel-os Melhor que tu, que foste a inspiração! De joelhos deponho em tua mão Estes srpejos tímidos, singélos.

Que importa que e ninguém pareç em bellos Se pare ti unicamente são! Versos d'amor! Fiéis ao coração, Beijem-te os pés, osculem-te os cabellos

Não me eatisrice o ms! que bão de dizer Dos madrigaes ingenhuos que vas ler E que são teus, modesta! Embora! Falem

Ao entregar-tos, curvo e reverente, Sinto-me beia e sinto-me contente, Pois só tn sabes quanto os pobres valem!

JOAQUIM DE LEMOS.

(*) Soneto de abertura, do livro Fogos faveos ultimamente publicado no Porto.

As notas philologicas do Sr. João Ribeiro e as minhas rabiscas

Em tudo elle imprímia o sello da prudencia: fallava pouco e bem, e sempre com tal getio, alcançado talvez em longa experiencia, que, mesmo quando errava, o critico no dirito (Fera. Pinheiro Junior). (Much ado about nothing.) (Shaksp.)

A leitura do último ertigo do Sr. João

Ribeiro causou-me pasmo sobre indignação, e bem assim nos seus proprios amigos (os verdadeiros).

No que escrevi (*) houvera destemperos de ignorancia; mas desalto quem quer que seja a que aponte nm dito acidoso, uma simples descortezia, com referencia a S. S. Neste semsnario já por duns vezes encareci-lhe o merecimento: sempre fullei de S. S. como benemerito de sincera estima e consideração.

O Sr. João Ribeiro, porém, repondeu-me congestionado de diatribes, e expectorou muito deasafro e muita chaufrete de garoto. Não o acompanharei neste terreno: repugna-me terçar erimas com adversario que se apresenta em publico arremangado e com sambarcos de chanqueta.

Sei é hoje sestro nas discussões pela imprensa, fazer descer o estylo ao calão de bordel ou de rascão; conbeço o proloquio — asinus asinum fricat; sei como se pagam essas dividas em moeda de decompultura e epithetos canalhas. Todavia, não acompanharei o meu emigo Ribeiro por essa alfurja dentro.

Sempre tive para mim quo a imprensa pôde ser esportadora das nossas estulticias, mas nunca sentina publica, onde cada um pode vir muito sem cerimonia vomitar a sua atra bilis. Sempre desapprovei essas guerras civis pouco civis.

E' pois com lava de pellica de tres botões que me dirijo ao meu emerito adversario.

Consura S. S. o eu entresachar toades festivas na contextura de artigos philologicos. Se escrevi dentibus albis, não ha nisso motivo para reparo; outros ha que adubam notas scientificas com desafros e facecias sinceramente lorpas. Questão de gosto, educação, temperamento, hereditariedade, lactação...

« A seriedade é uma doença — disse o meu amigo e mestre V. de Corrêa Botelho —, e o mais sério dos animées é o hurro. » Ninguom lhe tira, nem com affagos nem com a chibata aquelle semblante cahido de meagos recorditas que o ralam no seu peito. Ha nelle a linha, o perill do sabio refugado no concurso ao magisterio... etc.

Mais: A Semana não é um jornal puramente scientifico; os artigos do Sr. João Ribeiro não tinham importancia alguma para o uosso grupo, nem meso para aquelles que so houvessem viajado uns dous mezes, — e ainda mesmo a escoteira — pelos campos da nossa phillogia. Para elles, como parn nós, essas notas eram velharias com ranço parnetico: é clero pois que S. S. escreveu para os ignorantes, e d'alui o tom catbedratico das notas, e o de festa das rabiscas, no intuito de amenisar a sensaborie do assumpto.

Se eu sou «excellent humorista», o Sr. João Ribeiro tamhem é facetissimo. Não pilherá S. S. quando diz com seriedade — que no caso contrario deveria ser considerada pathologica — que Pacheco Junior desconhece o que sejam fórmias contractas, etc., etc., etc.? Certo que sim, e muito nos rimos dessa fsciecia. Tem muito espirito o Sr. João Ribeiro.

Sei, porém, escrever em estylo sempre erguido e grave, e d'isso heidado sohejas provés na Gazeta de Noticias, n' O Cruzeiro, na Revista Brasileira, na Imprensa Industrial, n'A Instrução Publica, neste bebdomadario, etc., etc. além de livros e folhetos, que sobre verios assumptos tenho publicado.

Peço perdão ao leitor por este arranque da minha natural e costumada modestia; mas sou obrigado e esta parva ostentação pelo Sr. João Ribeiro que me inculca como simples olheiro de obras, e não como homem do trabalho.

E bastava-me a gloria de ter sido o iniciador destes estudos no Brazil; de ter levantado os concursos de linguas no collegio D. Pedro II ao ponto em que ora estão, do que poderia dar testemunho S. M. o Imperador. (2)

(1) Nesta redeção, sem livros, sem indviduação; mas tambem sem jactancia on parva immodestia, e muito sem idéa de offender quem era meu amigo, e de cujo merito me constituiria exaggerado pregoeiro.

(2) Na reforma, porém, a these ere apresentada 15 dias depois de tirado o ponto: hoje o prazo é de 40 dias e 40 noites... Em Portugal, para o curso superior de letras, o prazo é de oito dias.

Entreí nesta discussão muito alegre por que esperava ser recebido, agraciadamente pelo Sr. João Ribeiro; mas não lhe darei o direito de hradar com Juvenal — ecce iterum Crispinus, tanto mais que S. S. argumenta com má fé, muito manifesta para os que entendem destes estudos. Converse S. S. com os mestres, e verá que to los são accordos em que a razão está do meu lado em ambas as questões phillogicas, e que S. S. — para se não declarar vencido — está agora fazendo phillogia de saldo.

Pues si esto no le acomoda. Vainos a lejanas tierras, A' ejercer otra oficina de otra mas brillante esfera, pregonando por las calles: — Quien quiere amolar tijeras?

Et in Arcadia ego!...

Diz o meu amigo quojá estou cego e sem cura (nã sei onde elle farjou essa cegueira incurável), e mais ou menos perdido para as letras.

S. S. não está nestas tristes condições, mercê de Deus; mas eu podin suppol o saltado de ophthalmia purulenta, pois tão mal desletrou o que escrevi, adulterando alguns trechos de modo inuito... muito feio.

Eu não he pedi documentação da forma mala criada; mas fique S. S. sabendo que tinha o direito de exigil-a. Sabia, muito antes de S. S. encetar estos estudos... Mas para que perder tempo? Vamos adiante.

Foi ainda a ophthalmia — pois não posso acreditar fasso má fé — que fez com que o nobre amigo lesse no meu artigo acceitava eu parvamente duas opiniões etymologicas. O Sr. João Ribeiro não entendeu o que leu, como elle proprio já me confessou em presença de tres confrades.

O meu amigo João Ribeiro passou-me diploma de ignorante; e depois de convidar-me para trabalhar juntamente com elle, não como mestre, mas como simples companheiro, remeta o seu artigo dizenlo que « não quer ser meu aggregado, nem meu rendeiro; não pôde trazer os seus productos para beneficiellos em minha aperfeiçoada engenhoza. Tem, felizmente, terreno proprio, que lava e colhe por sua conta e risco. » Lavrar terreno combebende-se; mas colher terreno!... O que vale é ser por sua conta e risco.

Não me incomodam esse fatuidades, nem a ameaça de quem tão cedo se inventa mestre para corrigir a minhe grammatica bisterica.

Ao passo que o Sr. J. Ribeiro assim se me apresenta no aprumo de um Bopp, Grimm, Ascoli ou Geston Paris, o seu mestre o Sr. Lameira de Andrade, aquelle que — como escrevi ha meze — mais nos merece sinceras curvaturas da espinha, convidou-me para escrevermos de mão commum um trabalho de folego sobre a lingua portugueza, e outro de somenos importancia.

O leitor dirá se tenho motivo para me zangar com essas cranciezas pavoacedas com ferrapos de phillogie.

Completamente desorientado, foi além o meu nobre amigo, e teve o erro de insinuar aos da sua egrejinha de louvaminheiros igaorantes, que eu nem mais portugez sei escrever. E para comprovar o asserto desencavou dous vocabulos, que com despalnte proprio da ignorancia (3), Jiz haver eu empregado muito sem propriedade.

Podia hradar-lhe com o pintor grego: — não passe o sapateiro além da chimela; mas limite-me a mandal-o... raler a sna these de concurso.

Lê-se no artigo do Sr. J. Ribeiro: « Não son avésio às novidades, aos neologismos, gallicismos, etc., e hei de explicar-me devidamente no correr d'cstas minhas despretenciosas observações. Mas, certo, horrorisa-me o máo emprego dos vocabulos.

(3) O Sr. Jo Ribeiro não é ignorante; muito pelo contrario. Refiro-me lto sómente á ignorancia do emprego desses dous vocabulos.

«Para não ir muito longe, depara-me o artigo do illustre phillogo duns locuções, contra as queas não deixo de protestar. E são allas: vicios redhibitorios e o tempo e seus detrimientos.

Sempre onvi que a rehibição é um acto de virtude, que tanto é desmanchar a fraude e por a injusticia. Não posso, pois, comprehender o que seja vicio redhibitorio, pela simples razão de que ignoro o que seja a virtude dos tralantes.

« Por outra parte, om meu conceito, detrimiento é o danno que se soffre e jamais o danno que se faz soffrir o que se causa. Consequentemente, é coatumo dizer-se: o detrimiento da justicia, o detrimiento da saúe publica, e nunca jamais o detrimiento do assassino ou o detrimiento dos vinhos falsificados. Pareca, pois, averiguado que o detrimiento se diz do paciente, e jamais do creador.

« Ora, não consta que o tempo seja susceptivel de damnos, e antes tenho visto que os prodnz a todo o instante e sobre todas as cousas. O que quer dizer, portanto, « O tempo e seus detrimientos? »

Não accumularei exemplos em meu apoio; tanto mais que todas as passões com quem tenho conversado a este respeito (de selecta instrução e competencia incontra licetavel) asseguram-me que isso é pilhoría. E tambem o que ou creio, pois tenho ainda em muito o talento e fundo litterario do mou joven confrade.

Abra o leitor os dictionarios de Rohin, Littre (de medicina), Larousse... — o leitor deve saber que esses typos não são nã quoesquer aprendizes phillogicos, e lerá: cas, vices redhibitorios... Logo, pode-se dizer, e deve-se dizer em certos casos — vicios redhibitorios, phrase que já é muito velha (mas muito) na nossa legislação. Ainda ha mais, meu caro João Ribeiro. Os medicos — por extensão de vocahño — empregam o termo com referencia ás mulheres quo por um vicio qualquer não podem gravidar. Foi nesse sentido que figuradamente empreguei-o, e com muita cabida. Lê-se ao dicc. hist. e scienc. do Dr. Villemonat a proposito de esterilidade: — Les sept femmes ne prétendaient ni mala, dies, ni vices redhibitorios.

O Sr. João Ribeiro horrorizou-se mais com o emprego da palavra detrimiento. Eu poleria respigar exemplona nos classicos antigos e modernos para offercel-os ao Christovão Colombo de albeias ansiras vernaculares; mas aqui só tenho a mão o dictionario de Moraes, e nem vale a pena gastar tanta cara com tão ruim defuncto, porque a censura não passa, na opinião geral, de uma guinada pandega. (1)

Vejanos todavia o que diz o nosso Moraes: DETRIMENTO... o que o tempo, as aguas, atritos, etc., tiram e diminuem dos corpos inteiros; o detrimiento dos predios com o tempo, etc. Mas o Sr. J. Ribeiro combece com certeza, muito melhor do que eu, o vario emprego da prop. de, e deve saber que o tempo tambem não soffre, mas faz ostragos, e que não obstante diz-se — e correctissimamente — os estragos do tempo. Hoje dizem os estragos da artilheria, os antigos dizlam — os estragos com a artilheria.

Jus et norma loquendi.

Ora confesse o leitor, que ou o meu amigo é trocista de uma canna só, ou os taes Laronses, Robins, Villemons, Littres, Moraes, etc... são uns grandes parvos.

Tanto me não zanguei com o meu amigo João Ribeiro, que muito antes de sair publicado o seu artigo, d'elle me fiz pregoeiro e pedi aos collegas, almmos, amigos e conhecidos que comprassem A Semana. Era esse o melhor meio de desaffroatar-me da sua immercedia descompostura de palavras, que não considero todavia casus belli. De reato, não podemos tolher as irrupções dos volções, nem mesmo d'aquelles descobertos ha pouco por um litterato portuguez.

Entreí nesta lucta muito a mal do

(1) Si en fosse cauetico como o meu bom amigo, escreveria gastar tão ruim erro com tão bom defuncto; e porque na opinião de S. S. tudo quanto escrevo é bernardice; 2º porque deve ser bom defuncto aquelle cuja alma tem direito incontestavel a um castinho no ceu.

meu grado, nom fui eu a desafiante; mas espero que se as minhas rabiscas nos trouxeram desaviados, a antiga amizade — que eu suppunha radicada — e o amor à philologia nos hão de metter em paz.

O meu amigo errou, quanto ás questões philologicas; mas que muito, se o proprio Homero dormitou ás vezes? Errou, affrontando-me sem razão: os temperos proprios da mocidade orgulhosa.

Foi uma trovada de veranico. Demais, o Sr. João Ribeiro, perante tres amigos communs, deu-me uma explicação; mostrou-se sentido de hãver resynido em erro, pois que eu não nbroi brocha n tãio intempestiv aggressão; pediu-me continuação de auctasão, o rnsadamente estendeu-me a mão. Si me resta poi enviar-lhe por letra um nmplico, e com elle o conselho de que não se deixe apoderar do demonio do orgulho, nem dominar o espirito pela intriga mesquinha e torpe.

S. S. está ainda no verdor dos annos; tem talento pujante e muita applicação: não lhe será difficil subir à camião da gloria, tornar-se expoente nas letras patrias, mesmo sem o vezo de alguns contemporaneos, que, para se elevarem, ferem, esmeçam, tuatam, casquinam, nquelles e d'aquelles que em tempo os precederam com trabalhos de mais ou menos preço, e ainda se esbofiam nos estudos, só por amor da sciencia, sem resabo de jactancia, sem tolo envaidecimento.

Continuando a estimal-o, não mais virei à imprensa discutir com S. S.: — prefiro a amisad. do Sr. João Ribeiro «a essa vaidade n que chamamos fama.»

Devia, porém, esta resposta aos leitores d'A Semana.

Vade in pace.

PACHECO JUNIOR.

ADEUS

— Adeus! — E o tempo agita pelos ares,
E outro adeus, e outro lenço o correspondo.
A fátia desliza-se nos mares,
E, garça branca, nos confins se esconde.

— Adeus! — Dizem chorando, mais já de onde
Não mais cruzam-se os humidos olhares;
— Adeus! Diz ella, Adeus! — elle responde,
E repetem desluz, adeus aos milhares.

— Adeus! — gemendo exclama ao longe a garça,
Ao longe u vela que no mar se escoa
A onda que chora, ou no alcanfil se esgarça

Entre nurens de pranto o adeus echoa,
E, como um lenço, a nuvem branca esparsa,
Batendo as azas, diz: — Adeus! — e vaa...

J. DE MORAES SILVA.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Estão publicados os dez primeiros fasciculos da grande edição portugueza do *Dom Quichote de La Mancha*. A tradução, primorosa, é devida a dois viscondes, que ennobrecem as Letras — commo de Corrêa Botelho, Benalcanfor e Mousaraz (Portugal é a terra dos viscondes litteratos). Os que traduziram o immortal romance de Cervantes são os viscondes de Castilho e Azevedo. Para esta formosa edição da casa Alcinô Aranha & C. do Porto, — que será adornada com todas as bellissimas gravuras do immortal illustrador de immortaes — Gustavo Doré, — escreveu Pinheiro Chagas, um estudo prefacinal, que mais tarde será distribuido em fasciculos, como a obra. Quando completa, será um fino e precioso regalo de bibliophilo, pois além d'aquelles titulos a ser nssim considerada, é nitidamente impressa, em papel superior, com typo elegante. Recomendamos esta obra com vivo empenha a todos quantos amam os bellos livros em banitas e ricas edições.

A publicação por fasciculos põe-a ao alcance de todas as bolsae.

O Sr. Luiz Francisco da Veiga pa-

blicou um folhetim intitulado *O Sr. D. Pedro II a 7 de Abril de 1887*. É uma apologia bem elaborada do renuado do nosso monarchin e nnde se leem a respeito do celebre *Quero já* as seguintes linhas:

« Interrogndo Sua Magostade, no Instituto Historico, pelo Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, sobre a autenticidade de seu *Quero já*, respondeu o Imperador que não se recordava de ter proferido *tuas palavras*. Esta conversa (assim foi considerada) está inpressa na respectiva *Revista do Instituto*. »

Sobre o *favoritismo* prodigalizado por S. M. aos seus afeiçoados encontra-se esta noticia

« O Inspector da alfandega Saturnino de Souza e Oliveira contrariava a politica do ministerio na provincia do Rio de Janeiro, por onde era candidato à Assembléa Geral. O ministerio apresenta ao Imperador o decreto de demissão desse funcionario; mas, o Imperador recusa assignal-o, e ante a alternativa ou de conceder a demissão pedida pelo ministerio ou de demittir o Inspector da Alfandega, prefere conceder a demissão requerida pelos seus ministros.

Monumental se, — como parece — é verdade.

Tem merecimento, apreciado do ponto de vista do auctor, este trabalho do illustrado e operosissimo Sr. Luiz Francisco da Veiga.

V.

THEATROS

Theatros? Quem é que ousou falar em theatros nesta semana de lagrymas e de cantochões? Empreziario que tivesse o topete de annunciar espectáculo, teria de conversar com a policia e de pagar com juros horribes tudo quanto Martha frou.

Terrivel o cavaignac do Sr. Coelho Bastos! Monstruoso o do Sr. Gusnão! É mais do que todas estas bellezas capilares é o regulamento, é a lei que ordena, em observancia da religião do Estado, o fechamento das casas onde o publico costuma rir e divertir-se.

Cá por mim estou aqui, e isto digo em alto e bom som, protestando com todas as minhas forças contra semelhante despotismo.

Prohibir o publico de divertir-se e impor-lhe que chore e que vá aos templos nssistir apaixonadamente ás ceremonias das Trevas, da Paixão, da Alleluia e da Ressurreição, é verdadeiramente uma cousa digna do reino de Honolulú.

Felizmente uma boa parte das carissimas ovelhas que concórrerem a estas ceremonias, desopila-me durante este jejum — obrigatorio de dramas, comedias e operetas, e isto de uma maneira muito original — dando-me gratuitamente, e em outro genero, deliciosas comedias que me fazem rir e não poder mais, dramas extravagantes e de intriguados themas, e operetas mal cantadas pela muita *chusa* dos actores ao mesmo tempo auctores.

Uma delicia! Fecharam-me as portas do Saut'Anna e abrem-me as de S. Francisco de Paula.

Que o leitor me perdoe estas linhas e creia que não tenho intenção de offender as suas crengas religiosas, e nem sequer molestar opinões. O que eu quero simplesmente é que não me privem de ir ao theatro e de falar dos theatros no fim da semana, como me acoutece agora que estou aqui a protestar contra esta imposição sem nome.

A religião, cá para mim, é como um prato eu hotel: come delle quem gosta; quem não gosta pede um outro. Eu, por exemplo, e comigo muita gente, eu vez de ir assistir a scenas de nanuro, de faniquitos, de imprevizadas lagrymas, de encontros, de troca de cartas, pilherias lorpas, ciúmes etc. que se dão durante estas ceremonias, iria assistir à *Touinegra do Templo*, ao *Mercurio*, ao *Conde de Monte Christo* e a outras pegas mais bem pregadas que os sermões quaresmaes.

É como tudo isto tambem é espectáculo, cumpro a minha alta missão de critico, dizendo que n maior successo theatral d'estes sete dias foi a velha mas sempre interessante comedia-drama d

Semana Santa. Pdres e ovelhas representaram perfeitamente os seus papeis.

Quanto à *mise-en-scene* — regular; os scenarios é que ainda são os mesmos e já estão pedindo reforma. Como era gratis, foi concorridissimo o espectáculo.

Um grande successo!

Parabons á empreza.

Ao beneficio da Sociedade Propagadora da Instrucção aos Operarios da Lagón, que se realisou no sabbado, no galante theatrinho da Sociedade Dramatico da Gavea, a concurrencia foi extraordinaria.

Eram innumeradas as formosas e elegantes senhoras que estavam na platéa. Foi executado o seguinte programma:

1ª parte — A comedia-drama em 1 acto *Miguel, o Torneiro*. — 2ª parte a espirituosa comedia em 3 actos, imitação do hespanhol, do escriptor portuguez Gervasio Lobato, *A voz do sangue*. — 3ª parte *Uma especialidade* (para especialisar alguma couea).

Finalizado o espectáculo, a digna directoria da Sociedade Propagadora da Instrucção aos Operarios da Lagoa, foi ao palco levando lindos ramos de flores, para offerecer ás distinctissimas senhoras que tão graciosamente representaram, pronunciando naquella occasião o respeitavel presidente da sociedade, o Sr. Dr. João Carlos de Sousa Ferreira, um discurso agradecendo ás gentis amadoras.

Nossas emóoras á sympatian Sociedade Dramatic da Gavea.

P. TALMA.

AOS DO «GREMIO»

*O achar-me eu hoje aqui, encolistrado,
(Como aliás é meu pessimo costume)
De crer-me rival vosso não presume
O meu bestunto, embora que apoucado!*

*De gente de talento achar-me ao lado,
Com franca sympathia e sem ciúme,
E' sina minha. A mariposa o lume,
Desde que o mundo é mundo, tem buscado.*

*Verdade tambem é que o incauto insecto
No seu enoagar doudo, inquieto,
Busca o fulgor da luz para morrer.*

*Não vae até ahí o meu empenho,
Pois nem as azas das phalenas tenho:
— Venho applaudir o que eu nao sei dizer.*

GUIL. MAR.

4. Abril. 87.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Esta cousa de jejuns, resas, penitencias, psalms, visitaçõ de egrejas, paixão e etc., que a Santissima Madre Igreja obriga a todo cidadão catholico, apostolico, romano, a observar religiosamente, comquanto nos faça voltar a alma para as regiões illuminadas onde num só Deue verdadeiro vivem o Padre, o Filho e o Espirito-Santo, commenos até ao pranto, melancolisa a gente que é um horror!

O que vale é que neste valle de lagrymas mal terminan estas *obrigações*, surgen de novo o prazer, a alegria, o riso e a galhofa e cae a gente na *dansa* dos outros dias que é um regalo. Depois do jejum — o regabofe. Nada mais logico. Para exemplo temos hoje no Congresso Gymnastico Portuguez um baile que promete ser animadissimo; outru de equal animação, e á fantasia, no Club Gymnastico Portuguez; mais nutro *bal travesti et masqué* na Société Française de Gymnastique, e no genero delirio mirambolante, estapafurico, infernal, desopilante, dão os Tenentes do Diabn e ns Democraticos bailes á fantasia, que não são bailes, são... Quem lá for verá.

Sim, meus amigos, divirtam-se, divirtam-se todos, que, tristezas não pagam dividas. Christo soffreu muito e verdade, mas, além de que a culpa não

foi minha, hoje netã na edu, muito trnquillo e contente, com toda a sua familia. Maguas passadas não molham lenços. Uma valsn, Terpsychora !
Alleluia! Alleluia!

O Sr. Alfredo Fertin de Vasconcellos reuniu em sua casa, no ultimo sabbado, muitas familias de suas relções que ali foram certificar-se dos progressos dos seus dicipulos de piano. Em onze trechos diversos, de que constou o concerto, ncentuaram-se as provas de adentamento dos alumnos, pelo que o Sr. Vasconcellos foi vivamente felicitado.

Terminou a *soirée* por duas espirituosas comedias, desempenhadas por estudiosos amadores, e por uma sessão de prestidigitação pelo Sr. Olympio das Chagas Leite.

LORGNON.

FACTOS E NOTICIAS

GREMIO DE LETRAS E ARTES

Mais um bella noite proporcionou aos seus socios o « Gremio de Letras e Artes » realizando no dia 4 de Abril a sua terceira sessão litteraria, que em nada desmereceu das anteriores.

Começou a sessão pela leitura de um capitulo do romance *Rosita*, que está sendo escripto pelo Sr. Coelho Netto.

Em seguida, o Sr. José de Moraes Silva leu varias poesias do seu livro inedito *Sanctuarios*. Um dos esplendidos sonetos que foram lidos no Gremio por Moraes Silva, temos o prazer de offerecer hoje aos nossos leitores.

Guilherme Martins (Guil. Mar.) com a modestia que todos lhe conhecemos, justificou sua presença no Gremio com um soneto, que tambem hoje os leitores encontrarão em nossas columnas.

A Guilherme Martins seguiu-se Rodrigo Octavio que leu a *Fabula Mystica*, que faz parte dos seus *Poemas e Idyllios*, que estão no prelo.

Guimarães Passos recitou um bellissimo soneto.

Ocar Rosas leu dois esplendidos sonetos: *A uma morta* e *Pianto del cuore*.

Olavo Bilac recitou a *Delenda Carthago* uma verdadeira obra prima, e que fechou com chave de ouro a inolvidavel terceira sessão do Gremio.

EOLHINHAS E ALMANACKS

O *Pharol*, que se publica em *Juiz de Fora*, enviou-nos um exemplar do seu almanack para o corrente anno.

O *Almanack do Pharol*, como os seus congeneres, offerece ao publico excellentes indicações, contem anedoctae, prosa e poucos versos.

A's corridas do domingo pasado no Hippodromo Guanabara, foi immensa affluencia de espectadores. O programma realizou-se, deixando de correr alguns animaes em varios páreos.

A «NOVA YORK LIFE INSURANCE COMPANY»

42º relatório d'esta companhia, relativo ao anno de 1886, apresenta os seguintes dados:

Uma renda annual em 31 de Dezembro proximo pasado superior a dezenove milhoes de dollars (cerca de quarenta e tres mil contos de réis);

Activo em dinheiro, em 1 de Janeiro de 1887, setenta e cinco milhoes de dollars (cerca de cento e setenta mil contos);

Seguros feitos em 1886 superiores a oitenta e cinco milhoes de dollars (cerca de cento e noventa e tres mil contos);

Seguros em vigor, em Janeiro de 1887, mais de trezentos milhoes de dollare (cerca de seiscentos e oitenta mil contos de réis.);

A porcentagem de quantias pagas por morte, ao termo médio de riscos em vigor durante o anno, foi menoe do que 1 %;

Os recebimentos por juros em excesso de pagamentos por morte foi \$ 965.466 (cerca de dois mil e duzentos contos de réis);

Tem sido paga a pessoas, enquanto vivas, em dotações, dividendas o totinas, quantia superior a quatro milhões de dollars (cerca de nove mil contos de réis).

O balancete annual demonstra mais: Um augmento de mais de tres milhões de dollars sobre o anno de 1885 (cerca de seis mil e oitocentos contos de réis.)

Um augmento nos recebimentos superior a oito milhões de dollars (cerca de deztoito mil contos de réis);

Um augmento no saldo a favor, superior a dous milhões de dollars (cerca de quatro mil e quinhentos contos de réis);

Um augmento sobre o anno de 1885 em seguros tomados de dezesseis milhões de dollars (cerca de trinta e seis mil contos de réis);

Um augmento sobre os negocios de 1 de Janeiro de 1886 em seguros em vigor, de quarenta e quatro milhões de dollars (cerca de cem mil contos de réis);

Durante o mez de Janeiro proximo passado a companhia pagou ás familias de diversos segurados fallecidos a quantia de 231.500 dollars (cerca de quinhentos e trinta contos de réis.)

ALMANACH DO « VASSOURENSE »

E' uma escolhida collecção de indicações úteis ao publico; contém a rolação completa de todos os eleitores de Vassouras, varios nuncios de industriaes e negociantes, o além d'isso ornamenta-se com uma variada e linniosa parte litteraria e recreativa, em a qual apparecem trabalhos em verso e prosa devidos ás nossas melhores pennas, como as de Raymundo Corrêa (de quem traz um interessantissimo logographo—acrostico) Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, etc.

Em poucos almanachs so encontra parte litteraria tão bem escolhida e organizada como a do Vassourense.

TRATOS Á BOLA

Pépe da minh'alma, d'esta vez não abiscoitas o premio porque não acertaste com a quinta tratica (difficil, heim?) Consola-te, meu querido irmão!

Quem devo dar pulos de contente ao saber de semelhante fiasco é o meu novel tratista—Zé Bedelho, que metteu o dito em todos. Sim senhor, estreitou-se com os pés direitos, digo com o pé direito. Venha buscar o seu premio.

DECIFRAÇÕES

Das novissimas—Lisbonina. Icaro e Constantinopla; das antigas—Leopardo e Cantagallo, e do enigma—Enner.

Para hoje, carissimos e incomparaveis irmãos, offereço dous replica—poeticos premios áquelles que decifrarem as seguintes tratices:

PROVERBIO

A g a a a c d d e e e e e e e h i i i m m m n n n n o q r r s s s t t u u z.

NOVISSIMAS

- 1—1—1—Está indecente este pronome no gyro da taboada.
- 2—2—1 A serva expulsa, é miseravel! Que pena!... Morreu de morte violenta.
- 2—3 E' fabula que vende este fabulista.
- 3— Esta mulher, só com um pedaço de guarda-pó é um peixe.

ANTIPOS

I

Busca-a na taba—1
Busca-a na cama—1
Busca-a na guerra—2
A gente acaba
Quando se inflamma
Sinistro e berra!

II

Só pinta caras—2
Tal contracção.—1
Na pata acharas—1
Da embarcação.—1

Que rei jagodes!
Maldito rei!...
Se tem bigodes
Nem mesmo eu sei.

E fins coronat opus.

FREI ANTONIO.

CORREIO DA GERENCIA

Ao nosso assignante que nos envia uma consulta sem assignatura, sobre inventario, pedimos queira reclamar a respectiva resposta, visto não sabermos a quem enviar-a.

Sr. J. Florindo.—S. Paulo—O recibo de V. S., sob n. 7998, relativo ao anno passado, está com o Sr. Sá.

Sr. J. M. de Castro.—Casa Branca.—Tendo augmentado para 108000 reis o preço da assignatura d'esta folha, tem V. S. de nos enviar mais 28000 réis afim de quitar-se até 31 de Dezembro do corrente anno.

Sr. Thomaz de Queiroz—Casa Branca.—O seu debito, até 31 de Março proximo passado, é de réis 78500, que pôde enviar-nos em carta registrada com valor declarado.

Sr. L. de Assis—Juiz de Fora—Pôde V. S. remetter-nos a importancia recebida, em carta registrada, com valor declarado.

RECEBEMOS

Questão Agra—Refutação dos pareceres dos Drs. Souza Lima, Farinha e Nuno de Andrade na questão de interdição de J. A. Gonçalves Agra per demencia senil.
—Recista do Observatorio—n. 3, aono 2o.
—Cerreia da Europa—anno 8o ns. 5. e 6 Publica-se em Lisboa. Orna a primeira pagina d'aquelle o retrato do nesso distincto compatriota Sant'Anna Nery.

BOLETIN BIBLIOGRAPHICO

DA AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

ENGENHOSO FIDALGO.

D. QUICHOTE DE LA MANCHA

por D. Miguel de Cervantes Saavedra

Tradução dos Viscondes de Castilho e d'Azevedo, com um primoroso prefacio, expressamente escripto por Manuel Pinheiro Cbagas. Expiandida e monumental edição, adornada com dezenbos de Gustavo Doré.

A Agencia Commercial Portugueza participa que já se achão á disposição dos Srs. assignantes todos os fasciculos de que se compõe esta importantissima obra, e por isso podem fazer desde já a aquisição de todos, ou da parte que lhes convier. Continúa por enquanto aberta a assignatura ao preço de 400 réis cada fasciculo, mas previne-se que brevemente se fechará a assignatura passando depois a custar cada fasciculo 500 réis para as pessoas que até então se não houverem inscripto.

Como para todas as demais obras de que se acha encarregada, continúa esta

casa a mandar fazer, com toda a regularidade, nos domicilios dos Srs. assignantes, a distribuição dos fasciculos; mas acaba de estabelecer-se que aos Srs. assignantes que tomaram antes a seu cuidado mandar neste escriptorio buscar, se distribuirá em cada dez fasciculos um gratuitamente.

Para participação d'assignaturas, dirigir pelo correio a Lourenço Marques d'Almeida, caixa n. 593.
Agencia Commercial Portugueza—Rua do Carmo 40—1o andar.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique do Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado.—Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

F. Navarro de M. Sales—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Imperial Fabrica de Corveja e agnas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e aparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA Tisica, bronchites, es-crophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicæ e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principais livrarias.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

NUNCA SE VIO

UMA QUEIMA COMO ESTÁ FAZENDO O

BAZAR S. MICUEL

para sua liquidação final, que terminará infallivelmente em 30 de Abril. Grande sortimento de fazeadas, armarioho, louça, crystaes, porcellanas e objectos de uso domestico.

66 RUA DA ASSEMBLEA 66

CAFÉ DO COMMERCIO

33 RUA DO OUVIDOR 33

GRANDES MELHORAMENTOS !!!

50 réis a ebicara de café especial 50 réis
60 réis o copo de caldo de canna 60 réis

Cerveja Transatlantica do Havre approvada. Musica ao piano por um distincto pianista

DE DIA E DE NOITE

DEPOSITO E OFFICINA DE PIANOS

DE

Alfredo Fertin de Vasconcellos, professor de piano

Pianos novos de Pleyel, Erard, H. Herz, Bord, Gaveau, etc. Compra, troca, vende em segunda mão.

AFINAÇÕES E CONCERTOS GARANTIDOS

BOM SORTIMENTO DE PIANOS PARA ALUGAR

25 RUA DO CARMO 25

RIO DE JANEIRO

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encommenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

INTRANSFERIVEL! INADIABEL!

GRANDE LOTERIA

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Peruambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

14 DE MAIO DE 1887

INADIABEL

MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio	:	100:000\$000
Segundo sorteio	:	200:000\$000
Terceiro sorteio	:	1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do AGENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tom apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia de 1\$ fica-se habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral

RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507.